

190	7601	333					225	4
-----	------	-----	--	--	--	--	-----	---

# Krenak de volta à terra perdida

Retirada das famílias que ocupam área dos índios está perto do desfecho, mas a polêmica é grande

RESPLENDOR

PATRICIA PEREIRA  
DE RESPLENDOR

**A** operação de retirada das famílias dos 87 produtores rurais que ocupam cerca de 4.000 hectares de terra em Resplendor, no Vale do Rio Doce, que agora pertencem aos índios Krenak, pode acontecer a qualquer momento. A Funai tem pressa e já possui o orçamento disponível para a operação. A Polícia Federal, também responsável pela retirada dos posseiros, já agiliza os detalhes da operação, cumprindo a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou urgência na ocupação das terras pelos índios.

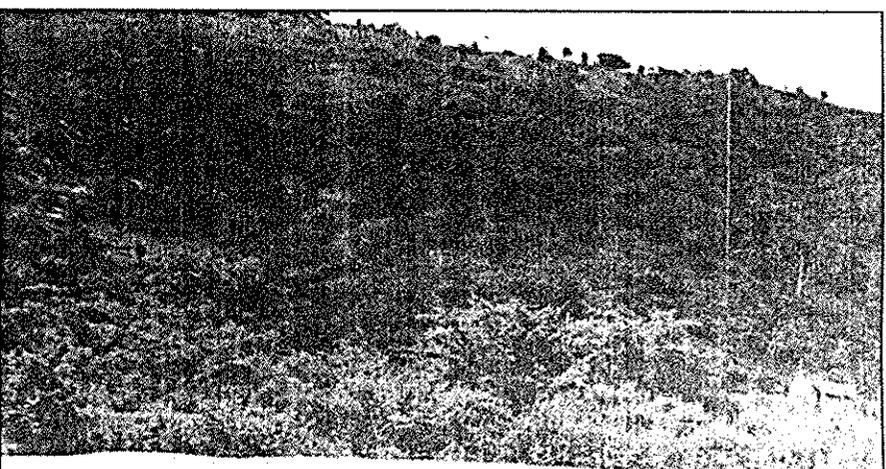
Só que a questão ainda promete muita polêmica. Num levantamento da situação sócio-econômica dos posseiros, 66 são pequenos produtores e vivem em situação de pobreza ou miséria. O produtor Afrânio Starling, que liderou os processos e recursos na tentativa de reverter o quadro, afirma que os posseiros que não têm para onde ir não sairão das terras até que o Estado destine uma área para assentá-los. A questão foi discutida durante uma reunião no dia 12 de dezembro do ano passado, com todos os envolvidos na decisão do STF.

Mas o administrador executivo

da Funai, Wilton Madson Andrada, assegura que a liminar do dia 10 de março suspende todas as decisões anteriores. "Determina que a emissão de posse seja efetivada sem mais delongas", observa Andrada. Com isso, a preocupação aumenta na cidade. O presidente da Cooperativa Agropecuária de Resplendor, Josias Nico, questiona onde serão colocados os animais e as pessoas. "Não podemos colocar tudo no meio da rua. E a colheita destes produtores? O gado caiu de preço e ninguém consegue vender. O que vamos fazer?", questiona.

Os que têm melhores condições, entretanto, já providenciam outras terras para colocar parte do que vão tirar, mas muita coisa deve ficar para trás. "Tudo o que tinha em mais de 50 alqueires, vou colocar em dois. Vou arrendar e me virar porque tiraram a minha terra, mas não a minha força de trabalho. Mas e os que não têm para onde ir?", pergunta Starling.

Outro grande produtor que terá que deixar a terra já providencia a retirada das cercas e das madeiras da propriedade. "Tenho R\$ 100 mil em cerca e madeira. Vou tirar tudo o que puder dos currais e das casas", diz Renato, filho do produtor Balbino Lagnier de Lacerda (Vaisman), prefeito de Conselheiro Pena. Renato também só tem uma preocupação: "Para onde vão levar os pobres e miseráveis?".



OS ÍNDIOS Krenak lutam para recuperar as terras ocupadas por posseiros desde a década de 20

## Guerra tem início em 1920

A "guerra" entre posseiros e índios Krenak na Fazenda Crenaque em Resplendor, começou por volta de 1920, quando o governo do Estado doou cerca de 2.000 hectares de terra para a Funai, na época Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Na ocasião, alguns posseiros invadiram as terras, mas tiveram a situação regularizada. Três anos depois, novos colonos invadem as terras, resultando no Massacre de Kuparak, quando alguns índios foram mortos. Na década de 30, com uma nova demarcação das terras indígenas, os Krenak ganharam mais cerca de 2.000 hectares, passando a área a ter um total de quase 4.000 hectares.

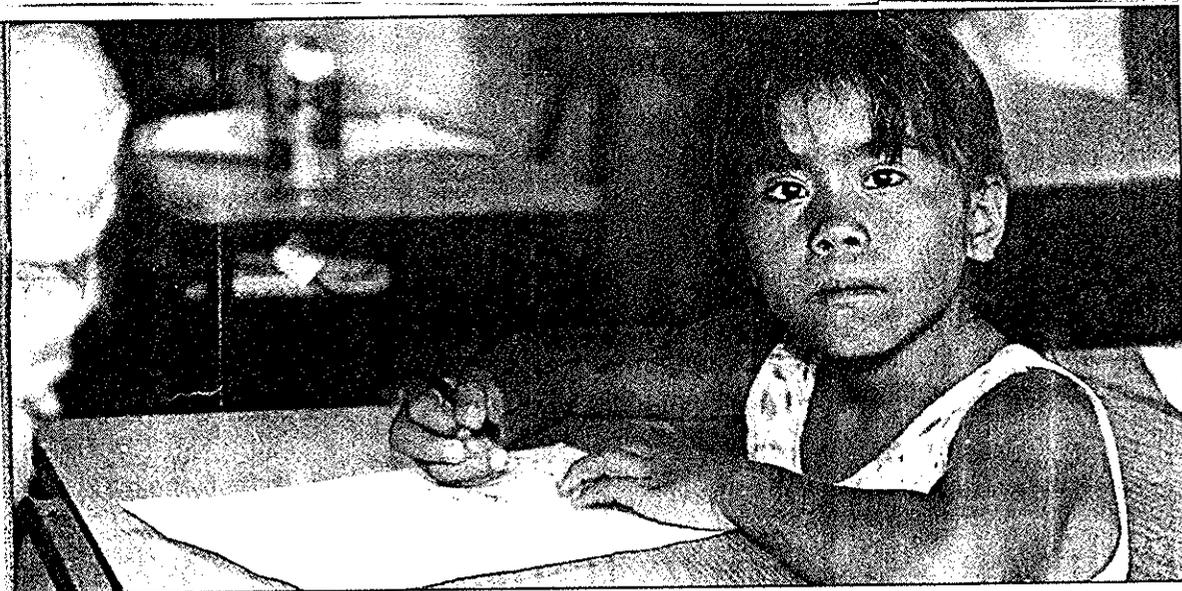
As ocupações pelos posseiros continuaram. Coincidindo com a época da ditadura militar, os índios foram massacrados nas décadas de 60 e 70, e obrigados a deixar a região. Em 1972, para tentar resolver os conflitos, o governo do Estado doa para a União, a Fazenda Guarany, no município de Carmésia, onde ho-

je, misturam-se Krenaks e Patachós. Neste período, o governador Rondon Pacheco emitiu títulos de posse aos produtores que já ocupavam a área.

Na década de 80, os índios insatisfeitos voltaram para a região dos Krenak, ocupando uma área de cerca de 70 hectares, onde ainda vivem. Em 1983, a Funai entrou na Justiça, pedindo a nulidade dos títulos de posse emitidos aos produtores. Aproveitando a Constituição de 1988, que estabelece que o índio é irremovível, em 1993 o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa à Funai. Depois de várias tentativas de recursos e embargos, em dezembro do ano passado, o STF determinou a ocupação imediata pelos índios Krenak da área de cerca de 4.000 hectares. Os produtores pedem um prazo para a desocupação das terras, mas no dia 10 de março o Supremo indeferiu o pedido e determinou a ocupação das terras "para que a emissão de posse seja efetivada sem mais delongas".

225

4



BASTANTE ACULTURADOS, poucos índios falam o idioma da tribo. Mas os mais velhos ensinam aos jovens os costumes e a cultura Krenak na escola da aldeia

## Funai quer índios em Resplendor

Com a posse da terra, a intenção da Funai é trazer os Krenak de volta para a região de Resplendor, respeitando, é claro, o direito de ir e vir dos índios. A regional em Governador Valadares não tem o número exato de índios Krenak espalhados pelo Brasil.

O que se sabe é que o maior número deles está na Aldeia de Vanuile, próximo a Tupã, perto dos municípios de Marília e Bauru, em São Paulo. Segundo os próprios Krenak de Resplendor, são cerca de 200 índios nesta região. Outros grupos estão no Mato Grosso do Sul e em Carmesina, Minas Gerais, além dos 93 que vivem às margens do rio Doce, em Resplendor. As 21 famílias que ocupam os cerca de 70 hectares da reserva ainda não mantiveram contato com as famí-

lias nos outros Estados. Eles aguardam com tranquilidade, até que toda a terra seja desocupada, para evitar conflitos.

O chefe do posto da Funai na área dos Krenak, Silvan Barbosa Moreira, acredita que com a posse da terra a fundação vai colocar uma melhor estrutura para o trabalho com os índios. "Nessa luta de mais de 70 anos, tivemos paciência para esperar. Continuo pedindo calma. Ainda não estamos festejando e nem temos por enquanto projetos para a área", diz Silvan. As 21 famílias de Krenak que vivem na área, plantam arroz, milho e feijão. Bastante aculturados, poucos falam o idioma da tribo. Mesmo assim os mais velhos ensinam aos mais jovens os costumes e a cultura dos Krenak na escola da aldeia.

## Maioria dos posseiros está sem destino

"Só saio daqui morto", afirma o produtor Joaquim Pinto de Freitas, de 62 anos. Ele vive há mais de 30 anos numa gleba de 37 alqueires com a mulher e três filhos. Depois que perdeu a propriedade para os índios Krenak, Joaquim não consegue imaginar sendo expulso das terras. "Não tenho para onde ir. Então, podem me matar e jogar por aí", diz com fisionomia de desespero, ainda tentando não acreditar que terá que deixar a área.

Situação semelhante vivem outros 65 posseiros listados entre pobres e miseráveis. Muitos são idosos, com filhos que também trabalham nas propriedades. Nasceram e foram criados nas fazendas. Ademário Penedo de Oliveira, de 72 anos, lamenta mas ainda tem esperanças. "Vou esperar até o fim, pois não tenho nada fora daqui. O pessoal chegando para me tirar, vou ver para onde vão me levar", diz inconformado. "Fui feliz aqui e não sei viver em outro lugar".

Com a terra bem cuidada e longe das erosões, bastante comuns na região do Vale do Rio Doce, os produtores só questionam. João Dias, de 66 anos, apesar de estar na lista, não sabe o que fazer, já que perdeu todas as benfeitorias, construídas na metade da sua fazenda de cerca de 100 alqueires que será ocupada pelos índios. "Moro e construí tudo no pedaço que agora pertence aos índios. No outro pedaço não tem nada. Essas terras foram do meu bisavô. Eu não conheço mais nada na vida que não seja isso aqui", entristece. João Dias quer propor uma permuta à Funai, mas não sabe como proceder. Maria, a mulher de João Dias, fala das noites de sono que perde por causa da situação.

Entre os produtores, gente simples. Muitos são aleijados, sem os dedos, por causa do trabalho no campo. Alguns são descendentes de alemães e chegaram na década de 20. Outros não conhecem a "cidade grande". Adão de Paula, de 58 anos, está perdendo seus 8 alqueires e diz que não tem mais nada a esperar da vida. "Tenho que me segurar para não fazer uma doideira. Só mesmo Deus para ajudar a gente. Nós caímos numa esparrela", indigna-se.